

# CULTURA POPULAR E RELIGIOSIDADE DE JOVENS DO CONTESTADO

*Popular Culture and Religiosity of the Contestado War People*

Gilberto Tomazi<sup>1</sup>

Recebido em: 01 ago. 2012

Aceito em: 30 ago. 2012

## RESUMO

O Contestado é considerado um dos maiores movimentos populares da história do Brasil e, até o momento, poucos espaços foram abertos para uma leitura autêntica dos seus aspectos culturais e religiosos. Vale considerar que diversos jovens assumiram um papel de destaque nesse movimento. E na atualidade muitos jovens procuram resgatar essa memória como elemento indispensável na busca de um novo mundo possível. O Contestado continua, hoje, muito presente na vida de sofrimento e na memória dos descendentes dos que participaram dessa guerra. Ele produziu uma mística própria que se traduz numa espécie de identidade cultural do povo da região. Essa mística sobrevive nos mitos, nos rituais religiosos e na tradição oral dos descendentes do Contestado. Esse movimento não acabou e também não é coisa do passado. Naquele seu primeiro estágio, que culminou na guerra, ele foi aniquilado e com o uso das mais sofisticadas tecnologias de guerra da época. Porém, ele continua vivo na cultura popular, na religiosidade, nas lutas e esperanças dos jovens, descendentes do Contestado.

**Palavras-chave:** Cultura popular. Religiosidade. Juventude. Guerra do Contestado.

## ABSTRACT

The Contestado War is considered one of the greatest rebellions in the history of Brazil but, up to the moment, few spaces were opened for an authentic reading of its cultural and religious aspects. It's important to consider that many young people assumed a prominent role in this war. Nowadays, many young people seek to rescue this memory as an indispensable element in the quest for a new possible world. The Contestado War is still very present in the sufferings, dreams and memories of the descendants of those who participated in that war. It created a mystique that translates itself into a kind of cultural identity of the people from the region. That mystique survives in the myths, religious rituals and the oral traditions of its descendants. This war is not over, and it is not just something from the past. At its first stage, which culminated in the war, it was annihilated with the use of the most sophisticated technologies of war at the time. However, it's still alive in the popular culture, in religion, in the struggles and hopes of young people, the war descendants.

**Keywords:** Popular Culture. Religiosity. Young people. Contestado War.

---

<sup>1</sup> Mestrado e doutorado em Ciências da Religião pela PUC-SP. Email: giltom3@gmail.com.

---

## INTRODUÇÃO

Existe uma vasta herança bibliográfica, cultural e religiosa do Contestado. Há muitos escritos, monumentos, símbolos, ritos, fotografias, filmes, peças de teatro, poesias e orações espalhados pelo Sul do Brasil. Não será possível contemplar tudo o que há de produção em torno da participação juvenil no Contestado, porém far-se-á um esforço nesse sentido. A participação da juventude não se deu de forma organizada, enquanto categoria social, mas pela presença de indivíduos jovens nos mais variados espaços, tanto do lado dos caboclos, como do lado do exército, do governo e dos “ruralistas” da época. É difícil estabelecer um conceito capaz de abarcar com precisão a parcela juvenil presente na guerra. Sabe-se que, mais do que agora, nos períodos históricos que nos precederam, o índice de pessoas com menos de 30 anos de idade era maior. Isso significa que grande parte dos participantes da guerra podem ser considerados jovens.

Praticamente cem anos se passaram desde os primeiros combates no chão do Contestado. Esses combates foram, geralmente, denominados de guerra que aconteceu durante os anos de 1912 a 1916, abrangendo uma região que equivale, hoje, a aproximadamente 1/3 do território catarinense. O território onde ocorreu a guerra é, hoje, conhecido por muitas pessoas como “Região do Contestado”. Sua abrangência é situada na parte do sul do Paraná, no Meio-oeste e boa parte do Planalto Norte e da Região Serrana catarinense. Além de sua amplitude geográfica, o fato de a guerra ter envolvido diretamente cerca de 30 mil pessoas, sendo que, dessas, aproximadamente, oito mil foram mortas, torna o Contestado um dos maiores conflitos armados da história do Brasil.

Esse movimento não acabou e o nome “Contestado” adquiriu diversas faces, sendo usado, até mesmo, para fins turísticos e mercadológicos. Continua, hoje, muito presente nas lutas e organizações populares, juvenis, estudantis, sindicais, ecológicas, culturais e religiosas dos descendentes dos que lutaram no Contestado. Diversos olhares e projetos se dirigem para a comemoração dos cem anos do Contestado. Interesses e imaginários opostos se apresentam e disputam espaços e hegemonias. Entre eles, polariza-se a versão do mercado e do turismo, por um lado, e a da militância-mística juvenil, por outro.

O Contestado, liderado em grande parte por jovens, produziu uma mística

---

própria que se traduz numa espécie de identidade cultural do povo da região. Provisoriamente, pode-se afirmar que essa mística tem em João Maria uma referência central. Ela sobrevive nos mitos, símbolos, rituais religiosos e na tradição oral e escrita dos descendentes do Contestado. Os jovens outrora agredidos, violentados, silenciados e amedrontados, aos poucos voltam a sonhar com uma sociedade liberta das diferentes formas de opressão e exclusão e, agarrados em uma mística, passam a se organizar de diferentes formas para construir alternativas possíveis desde o seu cotidiano/local e até uma preocupação global/estrutural. É nesse sentido que diversas experiências juvenis procuram manter viva a memória do Contestado. Atualmente, em Santa Catarina, foram instituídas - ou estão sendo pensadas - várias casas ou centros, organizações e movimentos diferenciados de juventude. Esse é um fato novo na história dos jovens catarinenses. Em geral, as suas diferentes formas de organização e mobilização apresentam pelo menos três características em comum: certa referência ao Contestado; uma mística expressiva, normalmente fundada nos valores e princípios cristãos e uma interface utópica diretamente conectada a uma práxis sócio-transformadora.

## **JOVENS NO CONTESTADO**

Um aspecto marcante do Contestado foi a compreensão de que meninos e meninas virgens tinham um poder espiritual maior do que os adultos e idosos. Somente eles (alguns dentre eles) eram capazes de receber mensagens do além, dos santos e/ou monges venerados pela irmandade cabocla. A velhice e a morte geralmente foram entendidas como consequência do pecado e punição. Logo, a pessoa mais santa só poderia ser a pessoa de menos idade porque menos dada a pecar. Assim, santos e santas em vida podem dialogar com santos e santas do além devido à essa afinidade ou proximidade espiritual. Foi assim que, deixando as cidades e povoados vizinhos praticamente vazios, milhares de pessoas das redondezas passaram a se reunir em torno desses meninos e meninas e dos demais líderes do reduto de Taquaruçu, constituindo a sonhada “cidade santa” onde, após a “batalha final”, os que fossem salvos do poder da besta, se fossem velhos, ficariam jovens, e todos seriam felizes. (TOMAZI, 2005, p. 132).

É sabido que não foram poucos os jovens que assumiram posições de

---

liderança na Guerra do Contestado. Alguns desempenharam papéis importantes durante o desenrolar da guerra. Os jovens do Contestado, que tiveram uma atuação reconhecida, entre outros, menos citados pelos historiadores, foram: uma jovem imigrante polonesa (cujo nome não é conhecido), que escrevia a pedido do líder Bonifácio Papudo; uma “filha de um certo João Alemão” (também de nome desconhecido), raptada por José Maria da casa de seus pais, mas que o seguia livremente em sua missão; Teodora Alves e Maria do Carmo tidas por virgens-videntes; Chica Pelega tida por heroína e guerreira nas batalhas contra o exército, especialmente no reduto de Taquaruçu; Sebastiana Rocha chamada de virgem; Antoninho, comandante geral do reduto de Bom Sucesso; Maria Rosa, vidente, virgem e comandante do reduto-mor de Caraguatá; Manoel Ferreira dos Santos, considerado enviado de Deus; Joaquim Ferreira dos Passos, chamado de menino-deus; Claudiano Alvez A. Rocha, médico; Francisco Alonço de Souza, comandante de um piquete xucro, em Caraguatá; Adeodato Manoel Ramos, líder geral dos dois últimos anos da guerra. Do outro lado, havia indivíduos tais como o jovem advogado Nereu Ramos, filho do Coronel e chefe político lageano e Presidente de Santa Catarina Vidal Ramos; o jovem Capitão Matos Costa, diversos jovens vaqueanos ou filhos de coronéis tais como Altino de Farias e centenas de jovens militares, entre outros.

Esses são os jovens mais citados na historiografia e na tradição oral dos descendentes do Contestado. Alguns deles atuaram, praticamente, do começo ao fim da guerra; outros em apenas alguns momentos ou fases. A participação e atuação de jovens no Contestado foi extremamente relevante, permitindo, inclusive, pensar no seu protagonismo, ao ponto de alguns, dentre eles, serem aceitos como seres “sagrados”, “meninos-deus”, “virgens”, videntes e profetas, ganhando legitimidade, aprovação e, até mesmo, obediência e submissão por parte dos mais velhos. Alguns desses jovens comandaram fases importantes da guerra, atuando como líderes de piquetes e de redutos, influenciando decisivamente no dia-a-dia da irmandade em guerra. Eles não eram apenas rapazes, mas, também, moças que “davam as ordens” no cotidiano da guerra.

Como já dito, houve jovens dos dois lados da guerra. Machado (2004, p. 149) faz referência a um jovem que defendia os interesses da Southern Brazil

---

Lumber and Colonization Co. “O jovem advogado lageano Nereu Ramos, filho do ex-governador Vidal Ramos, era, em 1916, representante oficial dos interesses da Lumber junto ao governo de Santa Catarina”. Machado (2004, p. 256) menciona, também, a participação de uma jovem que ajudou a redigir algumas preces dos caboclos. Era uma jovem polonesa que não morava nos redutos, mas a ela recorriam “para que redigisse as preces que seus combatentes carregavam em patuás amarrados ao pescoço”. Vale lembrar, também, que dentre os membros do exército que atuaram na guerra, uma grande parcela era constituída de jovens levados a defender a ordem, a pátria e a república, no território Contestado. Contudo, os maiores destaques que se encontram na historiografia do Contestado, com relação à participação de jovens, fazem referência àqueles que viveram nos redutos. As citações de indivíduos jovens, participantes da Guerra do Contestado, relatando as suas identidades, são encontradas mais claramente nas obras de Vinhas de Queiroz (1977), Valentini (1998) e Machado (2004), entre outros.

Valentini (1998, p. 135) lembra a figura de João Maria Paes de Farias, conhecido por João Ventura, filho de Chico Ventura, que afirmou: “aquele que matou meu pai não haveria de se esconder na barriga de um peixe que nós não achasse, foi dado um jeito nele”. Fica claro, na fala desse jovem, o desejo de vingança pela morte do pai, que contribuiu para sua participação na guerra. Valentini (1998, p. 135) apresenta, a partir do depoimento de Chico Ventura, a participação de outros jovens e, até, de alguns adolescentes escolhidos para receber as ordens de José Maria, morto no primeiro combate no Irani. “A virgem Teodora e também Manoel deitavam no chão e eram cobertos com um lençol branco, enquanto o povo rezava, eles recebiam as ordens de José Maria”. Tanto Teodora como Manoel, que logo viria a substituí-la, tiveram importante “influência sobre o povo da cidade Santa de Taquaruçu”. Segundo Paulo P. Machado (2004, p. 198) “a menina Teodora, com 11 anos de idade, neta de Eusébio F. dos Santos, começou a relatar sonhos e visões que tinha com José Maria e a difundir a necessidade de todos se dirigirem a Taquaruçu a fim de aguardar o retorno do monge [...]”. Segundo Vinhas de Queiroz, (1977, p. 113, 117, 120) Manoel, tido como enviado de Deus, era um rapaz que, com cerca de 18 anos, passou “a receber mensagens do monge (José Maria) no interior da floresta” e, ao voltar, comunicava as suas “palavras sagradas” aos circunstantes. Esse jovem, Manoel, exerce sobre o grupo “extraordinária influência”,

chegando até a acumular as funções de “chefe civil do aldeamento e comandante dos homens de armas” (MACHADO, 2004, p. 200). Esse jovem, depois de ter apresentado algumas atitudes moralmente desaprovadas pela comunidade cabocla do reduto de Taquaruçu, perdeu seu espaço de enviado de Deus para Joaquim e desapareceu. Joaquim era neto de Euzébio, (VINHAS DE QUEIROZ, 1977, p. 111, 115, 121) e passou a ser chamado de Menino-Deus, um “menino de seus 11 ou 12 anos de idade”, que ao assumir o comando “tomou providências”, dando uma “surra de vara de marmelo em Manoel para tirar-lhe a santidade.” Segundo Machado (2004, p. 218),

a liderança de Teodora, Manoel e Joaquim não estava apenas apoiada em suas anunciadas capacidades mediúnicas e sagradas. O poder destes jovens era respeitado principalmente porque sua autoridade era bancada pelo patriarca Eusébio e sua esposa Querubina.

### **CHICA PELEGA, MARIA ROSA, ADEODATO E OUTRAS LIDERANÇAS JOVENS**

Outra jovem que se tornou líder no reduto de Taquaruçu foi a Chica Pelega, que Euclides Felipe (1995, p. 55) descreve como sendo “a heroína de Taquaruçu”. Segundo o autor, ela era uma virgem de

coração compassivo e generoso, logo ao chegar a Taquaruçu, atraiu todas as simpatias, principalmente das crianças e dos enfermos. Assim de imediato chamou atenção de José Maria, indo aos poucos se tornando indispensável auxiliar de enfermagem. Em breve aprendeu lidar com chás, as infusões, o conhecimento e o trato com as ervas medicinais.

Essa jovem (Cf. VASCONCELLOS, 2000, p.14) exerceu um papel importante entre os caboclos no primeiro reduto e ataque a Taquaruçu, onde houve muita euforia e os caboclos conquistaram uma vitória importante, seguida, porém, de um massacre, principalmente dos velhos e crianças. Logo após o reduto de Taquaruçu ter sido destruído, à bala e a fogo, no segundo combate, os que conseguiram sobreviver e fugir, juntaram-se no novo reduto de Caraguatá, que era liderado por Maria Rosa.

Nesse reduto, Joaquim perdeu seu prestígio, ficando na sombra de Maria Rosa, que a todos cativava. Ela “toma parte, montada em seu cavalo, empunhando a bandeira branca de cruz verde ao centro, infundindo ânimo e coragem aos sertanejos” (VALENTINI, 1998, p. 136s). Maria Rosa era filha de Elias de Souza, lavrador da Serra da Esperança. Ela era considerada uma menina normal como as

demais, mas de vez em quando trancava-se em seu quarto e ficava até dois ou três dias em oração. Ao voltar para a vida normal, trazia comandos e orientação do monge José Maria para o povo obedecer. A virgem Maria Rosa é a figura feminina de maior destaque, especialmente nos primeiros dois anos da guerra. Segundo Vinhas de Queiroz (1977, p. 151) era ela quem “durante as procissões marchava à frente, carregando uma grande bandeira com cruz verde”. Era uma menina moça, carismática, capaz de atrair a atenção de todos. Não sabia ler, mas falava desembaraçadamente e eram-lhe atribuídas qualidades excepcionais como vidente, juíza e comandante. Dificilmente alguém fazia algo sem antes consultar “quem tudo sabia”. Vinhas de Queiroz (1977, p. 151s) e também Felipe (1995, p. 55) escrevem que o povo a considerava santa e cumpria religiosamente as ordens que dela emanavam. “Era encarada como a representante da vontade do monge, de quem conhecia os secretos desejos. Designava os chefes ostensivos, destituía-os dos comandos, sentenciava”. Maria Rosa foi contemplada com o título de um capítulo do livro de Vinhas de Queiroz (1977, p. 151) que fala dela como sendo uma adolescente dos seus 15 anos, loura, cabelos crespos, pálida, alegre, de extraordinária vivacidade, que não sabia ler nem escrever, mas falava com desembaraço; sendo o seu pai chamado de Elias da Serra, um lavrador da região. Machado se lembra de Maria Rosa, como sendo uma moça que

[...] tinha entre 15 e 16 anos, era bonita e andava de roupa branca, montada num cavalo branco. Como ‘virgem’, procurou manter um comando direto sobre os ‘pares de França’ e o conjunto da população de Caraguatá. Maria Rosa, ao contrário de Teodora ou dos meninos-deus Joaquim e Linhares, não submetia suas ordens a um conselho. Ela as dirigia diretamente às formas. A partir do comando-geral, Maria Rosa passou a distribuir comandos específicos, de forma, de guardas, de piquetes de briga, de reza e de abastecimento. O combate de Caraguatá [...] vencido pelos “pelados”, é considerado pela memória local o principal feito de Maria Rosa. (MACHADO, 2004, p. 222)

Helcion Ribeiro entende que, diferentemente do que aconteceu com Anita Garibaldi, que passou para a história catarinense como sendo a guerrilheira heroína “por ter lutado tão-somente por e com o seu homem”, Maria Rosa foi interpretada pela historiografia como sendo a heroína vencida. Todavia, segundo ele, Maria Rosa

no movimento messiânico do Contestado, durante sete meses liderou o grande ‘êxodo dos oprimidos’ – pobres e crentes – que abandonaram Caraguatá rumo ao Reduto de Pedras Brancas.[...] Maria Rosa fez a fé cristã tomar formas concretas de transformação social. É sob a sua coordenação que se experimenta, no Contestado, o maior tempo de vida

---

fraterna, com tempos de paz, onde todos viveram como irmãos, dividindo seus bens com alegria, perseverando na crença religiosa, tendo tudo em comum: até mesmo a miséria. (RIBEIRO, 1988, p. 116s)

Havia várias tendências ou facções dentro do movimento do Contestado. Após a vitória de Caraguatá, vários líderes resolveram derrubar Maria Rosa do comando para que outros líderes “mais aguerridos” passassem ao comando. Foi assim que Francisco Alonso de Souza, conhecido como Chiquinho Alonso assumiu o comando geral e Maria Rosa passou a exercer um papel secundário no conflito, ajudando no atendimento às pessoas doentes, crianças, mulheres e idosos. Chiquinho Alonço era um rapaz de uns 25 anos, que teria proclamado a si próprio ante o povo como comandante geral e que, a partir de então, Maria Rosa teria dito: “Atendam ele. Eu não tenho mais nada com isso”. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977, p. 163s) Esse novo comandante, filho de Manoel Alonso, homem trabalhador, andava “com aquela cisma que iria brigar muito”. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977, p. 164).

Segundo Vinhas de Queiroz (1977, p. 164), Francisco Alonço de Souza, ainda moço, saiu à frente de um piquete – sem dar satisfação à virgem, saqueou e incendiou uma bodega e matou o encarregado e, depois dessa façanha, dizendo-se inspirado por João Maria, ao voltar para o reduto, teria proclamado a si próprio, ante o povo, como comandante geral (outra versão diz que ele foi aclamado pelo povo comandante geral). Nesse momento, a virgem Maria Rosa teria dito: “Ele é quem manda [...], eu não tenho mais nada com isso”. Ele foi morto em combate contra colonos, em Rio das Antas, no Dia de Finados de 1914. Esse ataque foi comandado pessoalmente por Alonço com um piquete de apenas 35 homens. Do lado dos colonos, morreram sete e do lado dos atacantes morreram doze pessoas, dentre os quais o comandante. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977, p. 203).

Com a morte do jovem Alonço, quem assume o comando geral dos redutos, que perdura até o final da guerra, em 1916, é Adeodato Manoel Ramos, também conhecido como Liodato, natural do Cerrito, município de Lages, nascido em 1887. Ele assume o comando geral, com 27 anos de idade, afirmando ter tido um sonho no qual lhe apareceu José Maria, ordenando que assumisse o posto de comandante geral. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977, p. 205) Em relação a esse importante personagem do Contestado, emerge a questão de como um jovem, caboclo, não alfabetizado, tropeiro e domador de cavalos, religioso e músico, conseguiu

---

transformar-se em comandante geral dos redutos por praticamente dois anos, enfrentando mais da metade dos efetivos do exército brasileiro, reforçado pelas polícias do Paraná e Santa Catarina, além de mais de mil civis, sendo que no auge da guerra somaram 8.000 homens.

Sendo Adeodato o último comandante geral dos redutos, coube a ele liderar os redutos nas fases mais críticas. Em janeiro de 1915, ele liderava cerca de 10 mil pessoas no grande reduto de Santa Maria. O desfecho final da guerra é um fato controverso. Foi essa fase final, a que continua mais presente na memória e marcou profundamente a vida dos descendentes do Contestado. Ao falar de Contestado, depois de João Maria e de José Maria, Adeodato é, ainda hoje, o personagem mais citado pelos descendentes do Contestado, porém, tanto para os militares como para a historiografia mais próxima, historicamente, do Contestado. Mesmo para os remanescentes e descendentes do Contestado, a figura de Adeodato foi marcada, com raras exceções, pela “demonização”. Pode-se dizer que ele se tornou uma espécie de bode expiatório. Foi projetado como “modelo e catalisador do mal” e sua morte foi tida como uma espécie de “alívio” ou “apaziguamento” geral. Segundo Machado (2004, p. 293, 306), coube a ele “a difícil missão de lutar contra a fome, as deserções e a degeneração das práticas comunitárias nos redutos.” Para seus adversários, tratava-se do “chefe jagunço mais cruel”, “assassino frio e degenerado”, responsável pelo período de “terror” nos redutos do Contestado. Esse jovem assumiu o comando geral por ter um perfil de liderança e dominar, também, práticas militares.

## **OS GRANDES SONHOS: UMA CIDADE SANTA E UM MILÊNIO IGUALITÁRIO**

Pode-se afirmar que os jovens do Contestado não assimilaram passivamente a dominação imperialista que se instalava no Sul do Brasil; pelo contrário, apresentaram-se como parte importante das forças latentes da sociedade. Sua relevância advém do fato de que eles desenvolveram uma atitude rebelde, crítica e de resistência contra o processo de instalação da sociedade capitalista na região. Basta ver que boa parte dos comandantes ou líderes do Contestado foram jovens que, a partir da experiência dos redutos, sonharam com um outro mundo possível também denominado de “milênio igualitário” ou de “cidade santa” e

---

assumiram uma postura profética, guerreira e de busca de alternativas de vida.

Viver em uma aldeia, cuja cultura predominante é indígena, talvez seja uma experiência completamente diferente daquela em que se vive em uma comunidade rural capitalista cristã moderna. De qualquer forma, essas duas culturas podem-se apresentar com traços de continuidade e descontinuidade, com traços complementares ou de ruptura radical, com traços comuns ou absolutamente divergentes. Na Guerra do Contestado, essas culturas, também denominadas de “culturas do sertão”, forçadamente ou não, pacífica ou violentamente, foram obrigadas a coexistirem e a expressarem suas ambiguidades entre festas, conflitos, violências e transmutações.

As manifestações e a atuação juvenil, nessa guerra, foram expressivas. Não há uma homogeneidade, mas sim fragmentariedade na atuação e nos modos de ser e de se fazer jovem. Existe uma multiplicidade de comportamentos juvenis. Jovens guerreiros são, ao mesmo tempo, festivos e místicos. O quadro santo, onde se reza em procissão, é também o local dos treinamentos de guerra e das comemorações festivas das vitórias alcançadas. Os campos sagrado e profano se mesclam em um mesmo local e em uma mesma experiência de vida, prenhe de conflitos e possibilidades.

## **CULTURA POPULAR E HERANÇAS RELIGIOSAS DO CONTESTADO**

A cultura popular está profundamente banhada de religiosidade, de mística e da fé do povo. Antônio Gramsci abriu as portas do marxismo para o reconhecimento dos valores da cultura popular quando disse que,

Nas manifestações da vida social e espiritual do homem comum há uma riqueza de ver, de pensar e de dizer, que nem a ciência e nem a política ainda exploraram devidamente. Com isso podemos sair de um discurso sobre o povo, sobre a cultura do povo, para um trabalho concreto de reconhecimento do que é efetivamente o modo de viver ou ser do povo. (Apud VALLE & QUEIROZ, 1979, p. 136).

Diversas imagens ou fotos de “São” João Maria são encontradas em algumas Igrejas, grutas, monumentos e em muitas casas dos descendentes do Contestado. Em torno desse santo popular, que peregrinava pela Região Sul do País, entre meados do século XIX e os primeiros anos do século XX, foi sendo

---

construída uma mística que serve de referência fundamental para suas vidas. Não somente os mais velhos, mas também boa parte da juventude, na atualidade, continua venerando e acreditando no poder desse santo. Sua mensagem continua sendo propagada de diferentes maneiras: não faltam *shows*, festivais, romarias, teatros e outras formas culturais e artísticas que resgatam a mensagem e a mística do Contestado e de “São” João Maria.

Existem inúmeras localidades onde se encontram marcas ou heranças de “são” João Maria ou do Contestado. Como exemplo, vale destacar uma na cidade de Porto União-SC, palco de algumas batalhas do Contestado. Naquela cidade, a uma certa altura do Morro da Cruz, há um monumento, uma gruta e uma fonte de água de “São” João Maria. Ao visitar o local, na Sexta-Feira Santa do ano de 2007, foi possível verificar que diversas pessoas, a maioria adolescentes e jovens, lá estavam, umas chegavam e outras saíam. Duas mulheres, tendo nas mãos um pequeno livro bem antigo, rezavam com uma fé ou uma devoção que arrancava admiração daqueles que as viam. Havia outra mulher e dois adolescentes – um menino e uma menina - que logo ao chegar no local se aproximaram da água que corria através de um pequeno canal e lá banharam a cabeça, o rosto, e a menina também passou água por três vezes num olho seu que estava vermelho e inflamado. A mulher explicou a uma amiga, que lá estava, que ao molhar a cabeça, a dor passava. Disse que a dor ia e voltava, fazia muitos anos, porém, quando voltava, ela logo se dirigia ao poço para molhar a cabeça e se sentia curada.

Para aprofundar a questão do valor da cultura e da religiosidade popular herdadas pelos jovens e por eles transmitidas para as próximas gerações, é preciso lembrar que o pensamento marxista “pré-gramsciano” e o próprio pensamento de Gramsci sobre a cultura e a religiosidade popular não conseguiu romper com os dogmas do materialismo e do economicismo tradicional, em que as coisas estavam bem definidas: havia a classe dominante que, de forma autoritária, impunha a sua cultura, a cultura burguesa, elitista, erudita, ilustrada, avançada e científica. Era a cultura dos “cultos” e a sua cultura era a “única”. Nesse espaço, habitavam o intelectual burguês e o intelectual orgânico. O primeiro era o que reproduzia a cultura dominante, dando-lhe sustentação e legitimidade; e o segundo era uma espécie de “convertido” à causa da classe trabalhadora e responsável pelo seu

---

processo de organização e “pensamento estratégico” enquanto classe que deveria fazer a revolução. Antes de o povo se deixar “formatar” pelos intelectuais orgânicos “no processo de formação, enquanto classe”, esse povo era simplesmente denominado de massa: povo disperso, dominado, alienado, manipulado, incapaz, conservador e ignorante. Não sendo culto, também não poderia ter cultura. O que tinha era uma espécie de capacidade de apropriação, interiorização e reprodução da cultura e da ideologia dominantes. E essa experiência de receptor passivo da cultura dominante era denominada de cultura popular.

Para as elites intelectuais da época, essa cultura popular “permitida” devia também ser controlada, pois ela corria o risco de se tornar heterogênea e sair dos limites da conformidade com a cultura “universal” e “homogênea”. Diversos pesquisadores eram enviados “em missão” junto aos povos denominados por eles de “primitivos” e, também, junto aos povos atrasados ou em desenvolvimento. Assim, ao estudarem a cultura e a religião destes povos, assustavam-se com os aspectos de barbárie neles existentes ou fascinavam-se com as coisas exóticas que encontravam. O máximo que conseguiam ver nessas culturas era um grande leque de superstições e misticismo, de crenças absurdas e infantis, de símbolos, ritos e danças exóticas ou esquisitas, que mais se pareciam com estados alterados da consciência ou esquizofrenias, mas era preciso saber o que se passava nesse “outro” mundo.

Os primeiros escritos sobre o Contestado muito bem souberam reproduzir essa versão da cultura popular. Sejam os sacerdotes franciscanos, sejam os militares ou, ainda, os intelectuais da primeira metade do século XX, nenhum conseguiu romper com essa concepção da religiosidade popular do Contestado como sinônimo de barbárie e fanatismo. É claro que há ambiguidades nos primeiros escritos publicados sobre o Contestado. Como foi o caso do próprio Capitão Matos Costa que era, na época do Contestado, responsável para guarnecer a região de Canoinhas e União da Vitória. Ele afirmou que “a revolta do Contestado é apenas uma insurreição de sertanejos espoliados das suas terras, dos seus direitos, da sua segurança”. Ele afirmou também que o problema estava na ignorância, na falta de instrução e de justiça. (PEIXOTO, 1916, p. p.94; TOMAZI, 2005, p. 408).

Quando se pensa a cultura diretamente a partir do conceito de classes

---

“burguesia x classe subalterna” ou a partir da lógica do poder “dominantes x dominados”, normalmente o que recebe maior espaço nos textos ou livros é a classe dominante/burguesa, mesmo que para ser criticada. “Falem mal, mas falem de mim!” O problema é que desmontar ou desconstruir o pensamento dominante de uma época, não significa necessariamente elevar os dominados ou emancipá-los; ao contrário, significa reconhecer que diante do poder dominante, aos dominados resta somente gritar e serem dominados. Ao fazer a crítica do poder elitista e burguês, nem sempre se estaria desconstruindo-o e, desconstruí-lo, nem sempre significa que algo eminentemente novo teria o seu lugar.

Novas perspectivas de compreensão da cultura popular emergiram, especialmente, a partir do final da década de 1980, quando essa perspectiva teórica entrou em crise. Aos poucos, foram surgindo novas formas de pensar o presente, de interpretar a história, de ressignificar as devoções, os ritos populares, os mitos e as utopias. Assim sendo, também o catolicismo, a religiosidade e a cultura populares foram recebendo novas abordagens ou, pelo menos, novas significações e considerações. Os conceitos de fragmentariedade e de ambiguidade da cultura popular foram ganhando espaço e recebendo crescentes considerações de positividade. Para Wanderley, “as experiências significativas de educação popular na América Latina e no Brasil comprovaram que o povo sabe acumular historicamente; tem sua sabedoria, suas formas de expressão próprias, sua lógica do mundo cotidiano, sua simbologia e sua linguagem. O surgimento da consciência crítica parte desse saber popular [...]” (VALLE & QUEIROZ, 1979, p. 74).

Clifford Geertz prioriza a questão da cultura como um contexto especial, no qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, instituições e processos podem ser vistos “com densidade”. Para ele, na base da conflitividade política está a conflitividade cultural. Ao estudar a cultura, ele prioriza a dimensão simbólica e propõe que o conhecimento da religião não seja um olhar “de fora”, mas um olhar a partir de dentro da própria perspectiva religiosa.

Falar de “perspectiva religiosa” é, por definição, falar de uma perspectiva entre outras. Uma perspectiva é um modo de ver, no sentido mais amplo de “ver” como significando “discernir”, “apreender”, “compreender”, “entender”. É uma forma particular de olhar a vida, uma maneira particular de construir o mundo, como quando falamos de uma perspectiva histórica, uma perspectiva científica, uma perspectiva estética [...]. (GEERTZ, 1989, p. 126)

---

Alba Zaluar, após anos de convivência, estudos e experiências junto às periferias urbanas, mais propriamente junto aos jovens da Cidade de Deus, na periferia da cidade do Rio de Janeiro, percebeu que havia algo de incontrolável por parte dos jovens diante da violência praticada nas periferias cariocas. Havia uma engrenagem envolvendo quadrilhas, traficantes e polícia que os jovens não controlavam. (ZALUAR, 1994, p. 21s). Apesar desse lado incontrolável da violência, ela também encontrou, entre os jovens e, mais amplamente, no senso comum, um grande dinamismo: instável, propenso à mudança, algo que não é meramente receptivo e não está cristalizado. Percebeu que é na própria fragmentariedade que está a força da resistência popular. Também percebeu que “a ideologia dominante não é homogênea e não consegue se impor de maneira absoluta. Para que uma ideia se efetive no meio popular, ela precisa passar por intensas negociações e conflitos”. Alba entende a cultura como “estrutura de significado socializada pela qual as pessoas dão forma à sua existência cotidiana”. Alba, ao observar o “pensamento” religioso-popular, junto à Cidade de Deus, concluiu que

O desembaraço com que misturavam diferentes tradições religiosas sem o menor cuidado com a ortodoxia tão cara aos puristas, seja do candomblé, seja do catolicismo, a fim de comporem a sua visão de mundo, só pode ser comparado com a facilidade com que lançavam mão de inúmeras instâncias de mediação entre eles e o resto da sociedade na defesa de sua capacidade de sobreviver. Difícil, portanto, reduzir esse pensar a um sistema preestabelecido e fixo de conteúdos culturais explicados em uma instância pela sua posição subalterna ou dominada no processo de produção ou como prisioneiros de uma prática vista na tradição estruturalista como mera execução de um código subjacente. (ZALUAR, 1985, p. 29)

Os jovens e toda a cultura popular são portadores e herdeiros de uma “intuição-cheia-de-fé” que lhes permite sentir se algo é, ou não, verdadeiro *vis-à-vis* ao Evangelho, ou se alguém age, ou não, de acordo com o Evangelho cristão e com “a regra de ouro” dos princípios e mandamentos mais elevados. A intuição lhes permite sentir se seus líderes estão, ou não, vivendo aquilo que anunciam. Essa intuição “cheia de fé” origina-se do encontro das mais elevadas aspirações e utopias humanas, cujo protagonista, segundo o catolicismo popular, é o próprio Espírito Santo, e, sendo assim, essas intuições caminham para a infalibilidade. O povo tem uma profunda convicção que lhe faz conceber a verdade de maneira infalível e isso pode se traduzir a ele numa espécie de fanatismo. Esse incorpora o problema da certeza da vitória, inerente às suas lutas, tal como foi vivida no Contestado. A

---

tentação desse critério é considerar que seja possível encontrar essa intuição-cheia-de-fé em estado puro. Para isso, faz-se necessário alertar para o fato de que a própria revelação divina sempre reserva para si algo “ainda não revelado”, misterioso, escondido. (ESPIN, 2000, p. 120s).

A mística dos jovens do Contestado se fundamenta na experiência da cruz, do crucificado, do derrotado, do sofrimento. A esperança de vitória final passa pela experiência da dor, da resistência, do enfrentamento, da luta e da teimosia na crença de que alternativas existem e que outro mundo é possível. Deus nem sempre é citado ou evidenciado porque Ele foi reconduzido mais à esfera do privado. São poucos os espaços de mística em que fica explícita a presença de Deus: é mais o ser humano que é contemplado e são os grandes mártires e lutadores do passado que são venerados ou referendados, mas quando Deus é colocado no centro, Ele é visto como aquele que, por um lado, permite o sofrimento e leva os sofredores a aprenderem a lidar com Ele, a não desesperar, a aguentar, até que for possível, a esperar contra toda a esperança; por outro, esse mesmo Deus é aquele que, sendo misericordioso, perdoa os pecados, dá poder, força e encorajamento aos jovens a fim de que estejam sempre animados na construção de um outro mundo possível ou do próprio reino de Deus e, nesse caminho, a não aceitar o sofrimento, a lutar contra todo o tipo de violência, idolatria, sacrificalismo, opressão e agressão à vida.

## **HERANÇAS E PROJETOS DO CONTESTADO EM LIDERANÇAS JOVENS CATARINENSES**

Os descendentes do Contestado continuam sendo desprezados culturalmente, empobrecidos economicamente, manipulados politicamente e desconsiderados religiosamente e os primeiros a sentirem isso na própria pele. São os jovens, ao procurarem o primeiro emprego, ao tentarem ingressar numa universidade pública, ao serem presos mesmo sem terem cometido qualquer delito. São os jovens, descendentes do Contestado, os primeiros a sofrerem os efeitos de uma sociedade violenta. As agressões e o medo de falar, morrer e sonhar, herdados do Contestado, continuam ainda hoje presentes. Termos discriminatórios de outrora continuam dominando o imaginário de boa parte da população dos descendentes do Contestado, tais como: “fanáticos”, “ignorantes”, “monstros”, “imbecis”, “violentos”,

---

“criminosos”, “desordeiros”, “não merecedores de confiança”, “malfeitores”, “ladrões”, “impatrióticos”, “vagabundos”. Assim, a realidade de medo, perseguição, violência e sofrimento em que se encontra a grande maioria dos descendentes do Contestado, continua sendo “legítima” ou “natural”.

Atualmente, são inúmeras as expressões juvenis de resgate da memória do Contestado. Dentre as organizações juvenis que valorizam e debatem o Contestado, em diversas de suas atividades, destacam-se as que trabalham artes e jogos semelhantes àqueles organizados por Hutu. Apenas para citar três exemplos: estudantes da Universidade do Contestado constituíram o grupo teatral de nome “Temporá” e apresentam, desde o ano de 1992, uma peça teatral sobre o Contestado em diversos municípios da região; diversos grupos das Pastorais da Juventude promovem encontros e festivais, tal como o Festicontestado, contemplando diversas modalidades artísticas, inclusive músicas e poesias inéditas sobre o Contestado; grupos ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, como o “Tampa de Panela”, também estão apresentando uma peça teatral, de autoria própria, sobre o Contestado.

Diferentemente das outras construções teóricas que preferem deixar parado no “mundo inferior”, jovens descendentes do Contestado procuram ver neste evento, não uma coisa do passado sem relação com a realidade atual, tal como o fazem os donos dos meios de produção, das terras e águas, das indústrias e empreendimentos capitalistas diversos, nem como objeto de negócios, de finalidades lucrativas como o fazem agentes de turismo, dirigentes de certas universidades e donos de meios de comunicação de massa que ressignificam o Contestado, tornando-o mercadoria; mas sim como uma referência utópica, como uma herança cultural e religiosa preta de sabedoria que se atualiza e se faz presente nas diferentes organizações populares e juvenis, nas suas formas de resistência diante da opressão e na busca de alternativas, diante das violências e sofrimentos que lhes são impostos, e em vista de um outro mundo possível.

Os jovens, descendentes do Contestado, por um lado, têm sido vítimas de um sistema opressor e geralmente sobrevivem em realidades “inferiores” à média geral; por outro, procuram ser sujeitos da história, em iniciativas que refletem diferentes expressões juvenis, uma realidade múltipla, fundada em representações

---

coletivas e individuais diversas. Geralmente, em suas iniciativas, eles fazem memória do Contestado, dando, com isso, sentido à realidade presente e à luta por uma outra sociedade possível.

Pesquisas atuais (Cf. TOMAZI, 2011) demonstram que muitos jovens, filhos e herdeiros do Contestado, continuam padecendo, praticamente, os mesmos sofrimentos e, também, lutando e sonhando de forma semelhante ao que fizeram jovens de outrora. O Contestado deixou grandes marcas no corpo e na alma dos avós, dessa gente. Foi um dos maiores conflitos armados da história do Brasil, acontecido num momento em que o imperialismo estadunidense, juntamente com as empresas de colonização e os coronéis, apoiados pelo governo republicano da época, que aqui se instalaram para devastar a região, saquear as riquezas e engordar seus lucros. Para isso, inventaram essa guerra no intuito de acabar com as culturas locais nativas e com o povo caboclo, indígena e negro que habitava este chão, pois esse povo era visto como ignorante, supersticioso, preguiçoso, pré-moderno e incapaz de desenvolver o País e, por isso, deveria desaparecer, ser liquidado. A região deveria ficar desabitada, a fim de que pudessem aí habitar os colonos euro-descendentes que, em breve, viriam do Rio Grande do Sul e, também, da Europa e dos Estados Unidos. Esse povo, contudo, não aceitou tal projeto e, reunindo-se em redutos, normalmente liderados por jovens, resistiu até a morte na busca de direitos, reconhecimento, terra e dignidade. Essa guerra continua ainda hoje a influenciar a vida, a cultura e a religiosidade do povo da região e, especialmente, dos jovens que continuam sendo as principais vítimas do atual sistema que, como outrora, é excludente, opressor e violento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A religiosidade popular do Contestado filtrou e incorporou, além de elementos do catolicismo popular, diversos outros das tradições de origem africana, indígenas e, mais recentemente, também alguns aspectos de tradições religiosas orientais. Assim, essa religiosidade popular é uma espécie de “síntese religiosa” do povo, sempre ressignificada pelas novas gerações. Essa religiosidade traz as marcas de sua história, de suas raízes ibéricas e da conquista traumática de ameríndios e escravos africanos pelos cristãos. Ainda revela as expressões de

---

desespero dos derrotados e de sua esperança por justiça. A sobrevivência dessa religiosidade popular aparece, hoje, como a linguagem duradoura de um povo subjugado, derrotado, esperançoso. Religiosa em expressão, conteúdo e experiência, tal linguagem, há muito, é o código pelo qual esperança e coragem são compartilhadas e mantidas como plausíveis por gerações de caboclos e outros descendentes do Contestado.

No Contestado, ainda hoje, há uma riqueza de símbolos e ritos que se traduzem em uma mística que procura levar as pessoas à irmandade, ao encorajamento, à solidariedade, à vida comunitária, ao altruísmo com relação às vítimas do passado e do presente. Dela não germina a crença em um deus poderoso, machista, conquistador e violento. A religiosidade dos jovens é festiva. Festeja, antecipando simbolicamente o que se sonha, espera-se e luta-se. Nessa mística, procura-se incorporar, de maneira equilibrada, razão, contemplação, emoção e práxis transformadora. A realidade não escapa da fé e da mística, por mais que olhe para o alto, procura ter os pés no chão. Sendo assim, depreciar a fé e a mística dos jovens do Contestado não é apenas mais um erro teórico, como aquele dos que de primeira mão escreveram a respeito; é, também, mais uma forma de “limpeza de área”, de genocídio. Destruir a fé, ridicularizar as crenças, menosprezar a mística é destruir a vida, muitas vidas; é calar quem quer falar; é silenciar o próprio Espírito Vivificador presente na realidade e na vida do povo. Ao considerar e reconhecer o valor dessa fé e dessa mística, estar-se-iam abrindo as portas para a superação do darwinismo socioeconômico, do malthusianismo (da sua teoria populacional) e do niilismo epistemológico das ciências. A mística e a fé dos jovens é prenhe de sabedoria e esperança. A partir delas, aprendem a lidar com o sofrimento e a lutar para eliminá-lo, dando assim um novo sentido às suas vidas, às suas lutas e às suas diferentes formas de convivência e organização.

Atualmente, grande parte dos descendentes do Contestado vive numa situação de miséria, violência, desemprego e analfabetismo, porém, mesmo vivendo nessa situação e sendo herdeiros de uma luta inglória, há algo que os move, que faz com que continuem confiando na vida, que oferece um sentido à sua história e não os deixa desesperar. E isso pode ser chamado de mística. Por meio dela, há todo um empenho dos jovens, dos “sem poder”, dos “sem-terra” e dos “sem-direitos” para

---

explicar, justificar e, de algum modo, controlar e enfrentar a atual realidade social que lhes é inaceitável.

Em relação à comemoração dos 100 anos do Contestado, percebe-se que os jovens entrevistados questionam a dimensão festiva inerente à palavra comemoração e sugerem um processo de valorização e resgate da memória popular e da resistência dos antepassados, com celebrações, visando o fortalecimento e a articulação dos movimentos populares e das organizações juvenis, tratando do Contestado como um marco histórico para a construção de uma vida igualitária, solidária e ecologicamente sustentável e saudável, resgatando dívidas sociais e combatendo a ideologia triunfalista neoliberal, mercadológica e turística que vem se impondo contra o espírito do Contestado. Para isso, sugerem-se muitas iniciativas ou fortalecimento de processos já existentes, tais como a luta pela terra e reforma agrária, encontros, seminários, festivais, debates, fóruns, atividades culturais, pesquisas, publicações, romarias e projetos de lei que valorizem e garantam um conhecimento maior dos estudantes e do povo sobre a história do Contestado.

## REFERÊNCIAS

- ESPIN, Orlando. **A fé do povo**. Reflexões teológicas sobre o catolicismo popular. São Paulo: Paulinas, 2000.
- FELIPPE, J. Euclides. **O último Jagunço**: folclore na história do Contestado. Curitiba-SC: Universidade do Contestado, 1995.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MACHADO, Paulo P. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Unicamp, 2004.
- PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**: episódios e impressões. Rio de Janeiro, 1916.
- QUEIROZ, J. José (Org.). **A religiosidade do povo**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- RIBEIRO, Helcion. **Da periferia um povo se levanta**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- RIBEIRO, Helcion. **Religiosidade popular no Contestado**. Encontros Teológicos, Florianópolis, n. 1, p. 10-15, 1989.
- TOMAZI, Gilberto. **A mística do Contestado**, a mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado. Xanxere-SC: News Print, 2010.

---

TOMAZI, Gilberto. **A Mística do Contestado**: a mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado e dos seus descendentes, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) PUC, São Paulo. Disponível em [http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=639](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=639)

TOMAZI, Gilberto. **Protagonismo juvenil**: conexões e heranças culturais e religiosas do Contestado, 2011. Tese (doutorado em Ciências da Religião) PUC, São Paulo. Disponível em <http://www.sapientia.pucsp.br/>

VALENTINI, D. J. **Da cidade santa à corte celeste**: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado. Caçador-SC: UnC, 1998.

VALLE, Edênio; QUEIROZ, José J. **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez & Morais-EDUC. CIEE, PUCSP; n.1. 1979.

VASCONCELLOS, Pedro L. **Terra das promessas, Jerusalém maldita**: memórias bíblicas sobre Belo Monte (Canudos), 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) PUC, São Paulo.

VINHAS DE QUEIROZ, M. **Messianismo e conflito social**: a guerra sertaneja do Contestado. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta** – As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan-Ed. UFRJ, 1994.